
EDITORIAL

O sistema formativo da juventude nacional acaba de ficar mais rico, actual e prospectivo: outorgou-se, institucionalmente, uma dedicada atenção à vertente promotora dos direitos humanos e da igualdade na educação.

Todos os seres humanos nascem livres e iguais, em dignidade e em direitos.

São-lhes reconhecidos direitos naturais, sagrados e inalienáveis.

Direitos onde avultam o da vida, o da liberdade e o da busca da felicidade, *no dizer histórico de Thomas Jefferson.*

Essa meta concreta da Felicidade, porventura algo de idealístico no nosso quotidiano social, será aquilo que permita sentirmo-nos melhor, mais satisfeitos e realizados, num viver tranquilo, em ambiente de segurança e de justiça uniforme.

Do conhecimento e da interiorização destas submetas, a conseguir através da Educação, dependerá o almejado ser feliz para cada conjunto sociocultural específico.

Importará, portanto, educar consentaneamente, na Escola e na Família.

Educar, tendo em vista a formação das personalidades, individuais e colectivas, capazes de desempenharem convenientemente as tarefas e responsabilidades, cívicas e sociais, atinentes ao bem comum, o que implicará, necessariamente, para além de suficiente informação e de uma capacidade de reflexão desenvolvida, a existência de motivações e a aquisição de atitudes, de normas e de comportamentos positivos e aceites.

Obter esse desiderato implicará, contudo e antes do mais, uma habituação saudável, mesmo que não consciente, ao procedimento cívico correcto, à prevenção, sempre pronta, em rela-

ção à novidade eventualmente perversa, à resistência corajosa perante a adversidade a transpor.

Bons hábitos serão autodefesa; se disciplinados, eliminarão hesitações e conduzirão, de qualquer modo, a esquemas sólidos de orientação da própria Vida.

Esquemas susceptíveis de oferecer tempo adicional e disponível para a construção plena da Felicidade, a partir de um módulo mínimo que, à partida, satisfaça e motive.

Se assim for, tudo aquilo que, não sendo habitual, reduza os campos da Felicidade, será naturalmente rejeitado.

Os bons hábitos tornam o homem receptivo e sensível aos pólos positivos da vivência que partilhe e levá-lo-ão a renascer em cada impulso que lhe provejam, aprofundando e enriquecendo a informação fornecida e o potencial reflexivo de que disponha.

A disciplina que veiculam será propiciadora da sua própria retenção, criando atitudes e comportamentos imediatos, reactivos e até inconscientes às inovações que não tornem o homem mais feliz.

Os hábitos apoiarão, pode dizer-se, uma adesão total e consciente, voluntária e desinibida, aos projectos de vida que conduzam à Felicidade.

Educação será preparar as pessoas para alcançarem a vida melhor que tenham por desejo, pese embora o grau de desconhecimento dos contornos definitivos em que esta se possa articular.

Daí que, só os bons hábitos criados por aprendidos, possam alertar para o mal que se ignore prevenindo contra perigos, engodos e tentações. Isto pressupõe que a Felicidade a que conduzem não isente de um percurso de limitações e sacrifícios, dos quais a própria vida será limite.

Felicidade que provirá, não se duvide, de uma sólida formação cívica geradora de normas, de comportamentos e de atitudes assentes numa preparada habituação a valores e a padrões socioculturais superiores, de igualdade e de respeito pela dignidade do Homem Livre.

Formação, por um lado, de autoprotecção que se apreende no seio da Família e nos bancos da Escola.

Preparação, por outro, indispensável à criação de um verdadeiro espírito colectivo de defesa, sem o qual as sociedades e as Nações não podem sobreviver.